CADERNOS MATEUS DOC

07
DESVIO
DETOUR

DESVIO

DETOUR

Mateus
30, 31 de maio
01 de junho 2014
Instituto
Internacional
Casa de Mateus

IICM

VIII. Politicas do Desvio

O potencial político do desvio; potência e interrupção

Filipe Pinto
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade Nova de Lisboa

Abstract:

Based on the concepts of potency and interruption, this text draws a constellation in twenty notes - twenty bodies - an attempt to stage a political reading of the idea of deviation.

Keywords: Destination, Prevision, Metaphor, Potency, Interruption.

Resumo:

A partir dos conceitos de interrupção e potência, desenha-se neste texto uma constelação em vinte notas - vinte corpos - que tenta ensaiar uma leitura política da ideia de desvio.

Palavras-Chave: Destino, Previsão, Metáfora, Potência, Interrupção.

É comum pensar-se a figura do desvio em contraposição com a da norma, não escapando este raciocínio a um juízo moral, ainda que involuntário. Pensa-se o desvio como potência ou possibilidade que toda a norma contém, tal como a possibilidade da queda trágica faz parte de todo o voo, e o naufrágio de toda a expedição marítima. Mas o desvio tem existência própria, isolada, possui sentido e significado próprios. As vinte notas que se seguem pretendem ensaiar uma definição, forçosamente polissémica, do desvio, ao mesmo tempo que tentam investigar o seu potencial político; e tentam fazê-lo a partir da linguagem ela mesma, isto é, da própria palavra, das suas ramificações, explícitas e possíveis. Não se trata, no entanto, de despedaçar a palavra

até ao étimo; pelo contrário, manter-nos-emos à superfície presente das suas ligações.

A pergunta a fazer não é o que quer dizer desvio, mas o que pode querer dizer desvio. Não queremos chegar a uma conclusão essencialista, delimitadora, prescritiva e fechada, mas, pelo contrário, descobrir (ou desenhar) uma constelação de corpos (ideias e conceitos) que gravitem em torno da ideia de desvio, deixando aberta a possibilidade da sua própria expansão.

Dada a vastidão desta constelação, o texto evolui por movimentos sacádicos - desviantes - na tentativa de abarcar em sucessivos relances todo o seu corpo incerto e estendido, todas as suas ligações, um pouco como Jean Echenoz explicou certa vez a Enrique Vila-Matas - "'Passa um pássaro', disse-me. 'Sigo-o. Isso permite-me ir onde quiser no discurso.'" (Vila-Matas, 2002: 162,163)

*

01. Apenas aquilo que tem - aqueles que têm - destino e direcção podem sofrer desvio. O deambulador - o flâneur - não sofre o desvio; não sofre; quanto muito, acolhe-o. O destino serve precisamente para encurralar e afunilar o movimento das coisas; o desvio representa a possibilidade de lhe fugir. O destino liga-se à previsão, cuja lógica e função é, justamente, acautelar e prevenir - a raiz conjunta da previsão e da prevenção é bem visível.

02. O desvio desmembra direcção e destino, os quais, numa viagem, vida, história, aparecem suturados de forma perene, do princípio ao fim. Se a viagem (deslocação, movimento, acção) é subordinada ao destino, o desvio representa a insubordinação do trajecto. O desvio é a forma de resistência do terreno ao programa dos homens.

03. Por vezes desviamo-nos para sobreviver - do carro na rua, do vaso que escapou de umas mãos, do punho em forma de murro, da onda que parece definitiva. Por vezes desviamo-nos por sorte, ou a sorte desvia-nos. "A sorte parece ser antes aquilo que liberta quem a tem da cadeia dos destinos e da rede do seu próprio destino." (Benjamin, 2010: 43) A sorte desvia o movimento do destino pressuposto.

04. A viagem vai-se dissipando até se esgotar na chegada; o desvio estende-lhe a vida e a energia. O desvio representa uma segunda partida, ainda que o destino se mantenha o original. O desvio, quando não se transfigura em atalho súbito, distancia o próximo, incute tempo e distância - espaço -, abranda a viagem, faz redobrar a atenção, tal como acontece, por exemplo, com o labirinto. Dir-se-ia mesmo que o desvio neutraliza a distracção. O verbo do desvio é descarrilar. O desvio desnivela horizontalmente, provoca um desnível horizontal.

05. Quando o desvio acontece, desdobra-se o mapa. Nos seus primórdios, conta Michel de Certeau, os mapas "comportavam só os traçados rectilíneos de percursos, com menção de etapas a efectuar (cidades onde passar, parar, alojar-se, rezar, etc)." (Certeau, 1998: 204); isto é, nos primórdios, os mapas seriam dispositivos prescritivos. Hoje é o mapa que soluciona a interrupção causada pelo desvio; é o mapa que permite a interpretação do desvio. O mapa moderno não condiciona, possibilita. O mapa moderno é o dicionário dos desvios, é onde procuramos o que desvio quer dizer, ou, melhor, o que o desvio quer dizer.

06. O tempo, escreveu Henri Bergson, é o que impede tudo de ser dado de uma só vez, numa só linha, recta. (Bergson, 2007: 75) Sobre esta mesma ideia, Georges Kubler, em A Forma do Tempo, comentava, "[n]o meu próprio presente, enquanto escrevo estas palavras, há um turbilhão de preocupações relacionadas com assuntos pendentes que estou a negligenciar. O instante admite apenas uma acção, as restantes acções possíveis permanecem por realizar." E continua, "A actualidade é o momento em que o farol fica escuro entre os clarões: é o instante entre os tique-taques do relógio." (Kubler, 1990: 31-33) Ou ainda, como escreveu Clarice Lispector, "[o] presente é o instante em que a roda do automóvel em alta velocidade toca minimamente no chão." (Lispector, 2012: 14)

07. O presente é uma linha incrédula como a do funâmbulo, e tudo o que a ladeia são possíveis; tudo o que ladeia cada ponto de cada momento seu são possibilidades que não são por ela certificadas, sublinhadas, actualizadas. O desvio representa uma ponte que liga essa linha contínua e imperturbável do presente a um possível adjacente e inesperado.

08. Caos - todos os possíveis simultâneos. “Sistema. Rotina. Numa certa conjuntura, o desenrolar do sistema físico da linha de acções interrompe-se. O sistema suspende-se momentaneamente. Não se tornou inativo. Está em efervescência. Tornou-se crítico. Este interlúdio caótico não é a simples ausência de ordem. É de facto um estado super-ordenado. Na teoria do caos é concebido como a co-presença de todos os caminhos possíveis que o sistema pode tomar.” (Massumi, 1998) O desvio permite um pequeno vislumbre do caos, o qual, por sua vez, parece ser a verdadeira face da potência.

09. Qual é o sentido do tempo? Isto é, não se pergunta o que o tempo é, mas em que sentido corre. Qual é o sentido do tempo? Podemos pensar que o movimento do possível ao actual, das possibilidades ou potencialidades à sua actualização, é um movimento do que ainda não é para o que é, ou seja, do futuro para o presente; assim, dir-se-ia que o tempo flui do futuro para o passado e não na direcção contrária. No entanto, não encaramos o futuro de frente, de caras; tal como o anjo da história de Benjamin, evoluímos de costas, virados para o acumular de ruínas e destroços. Não vemos o futuro porque estamos de costas para a sua aparição; somos melancólicos porque apenas vemos o resultado trágico da nossa passagem. “Do paraíso sopra um vendaval que se enrodilha nas suas asas, e que é tão forte que o anjo já as não consegue fechar. Este vendaval arrasta-o imparavelmente para o futuro, a que ele volta as costas, enquanto o monte de ruínas à sua frente cresce até ao céu. Aquilo a que chamamos progresso é este vendaval.” (Benjamin, 2010: 13,14)

10. O inimigo do itinerário é o desvio; o desvio inutiliza o itinerário, o qual depende de uma lógica assente na sucessividade de pontos fixos - daqui segue-se para ali, dali para ali, e assim sucessivamente; ora, ao primeiro desvio, os pontos seguintes tornam-se obsoletos e impróprios. Assim se percebe a perniciosidade do sistema GPS, que, como o guarda - o super-visor (omnisciente) -, existe para evitar o desvio, ou seja, existe para evitar a potência - ou as possibilidades, as oportunidades - no meio dos caminhos. O supervisor - o guarda, o polícia - é aquele que, com a sua super-visão, se certifica de que tudo está conforme, de que não há desvios. “Só

o guarda é que não espera. Está perante um acontecimento para que não se realize. A sua presença deve impedir que aconteça qualquer coisa de inesperado" (Strauss, s.d.:56); a presença do guarda, da polícia, deve impedir que o desvio aconteça, deve impedir que o acontecimento se dê e interrompa o normal estado de coisas. Porque o desvio desabitua, quer dizer, desfaz o hábito, o círculo do tempo; desfaz o recinto fechado da rotina, da repetição - interrompe pela diferença. Tal como acontece, por exemplo, com o hipertexto - os sucessivos links promovem movimentos sacádicos, instantâneos, que através de espasmos desviam a leitura, abrindo possibilidades, ainda que, no limite, acabem por tornar o texto ilegível dada a complexidade do seu corpo infinito.

11. E o que é uma metáfora senão dar o nome de uma coisa a outra coisa, isto é, desviar palavras? Já na Poética, Aristóteles defendia que "a metáfora consiste no transportar [desviar] para uma coisa o nome de outra, ou do género para a espécie, ou da espécie para o género, ou da espécie de uma para a espécie de outra, ou por analogia (1457b6)." (Aristóteles, 2003: 134) Na Retórica, o mesmo Aristóteles escrevia que a metáfora dependia da intuição de uma analogia entre duas coisas avulsas, um pouco como Georg Simmel pensou a ponte: "[p]ara nós, e só para nós, as margens do rio não são apenas exteriores uma à outra, mas "separadas"; e a noção de separação estaria despojada de sentido se não houvéssemos começado por uni-las nos nossos pensamentos finalizados, nas nossas necessidades, na nossa imaginação." (Simmel, 1997: 66) Tanto a metáfora como a (possibilidade da) ponte dependem de uma intuição prévia, que não se limita ao corrente ou existente, à linha contínua; metáfora e ponte, transporte e desvio são, assim entendidos, sinónimos.

12. A metáfora é fraterna, para utilizar uma formulação de Jean -Luc Godard; a metáfora hifeniza organicamente duas coisas estrangeiras até aí desirmanadas. A metáfora não desvia apenas as palavras do seu curso corrente mas desvia igualmente as coisas elas mesmas.

13. Por exemplo, alguma poesia é constituída por versos, isto é, por coisas do outro lado (como na frente e verso); a poesia, o verso,

é dizer - ver - as coisas de um outro lado; não é ver - ou dizer - o lado escondido das coisas, nem a sua verdade, mas apenas dizê-las ou vê-las de um outro lado, do lado do verso. Poder-se-á dizer que o verso atravessa ou faz atravessar a frente das coisas; como dizer que a luz vista pelo verso tem algo de azul, e, justificadamente, vice-versa. Ora, neste sentido, pensando no sentido do verso, lembro uma imagem de Carlos de Oliveira; trata-se de um poema de uma só frase, intitulado Provérbio: "A noite é a nossa dádiva de sol aos que vivem do outro lado da Terra." (Oliveira, 1998: 116)

14. Mas nem só a metáfora, ou, de uma forma geral, a linguagem poética - o uso poético da linguagem ou o uso do verso da linguagem - pode causar um desvio, pode tornar perplexa a linguagem. A explicitação de um uso pouco corrente de algo (de uma palavra) tem igualmente um efeito de desvio e de espanto, como acontece por exemplo numa tradução de um texto de Pascal Quignard onde se lê, a dada altura, que "[u]m médico enrola um pano branco à volta do seu pescoço para lhe pensar a ferida." (Quignard, 2002: 97) Pensar o pensar na sua acepção de cura (fazer o penso; nos dicionários, 'fazer o curativo' aparece como o último significado na lista de opções); pensar o pensar na sua acepção de cura, dizia, de saúde; isto é, pensar como esticar o tempo da vida, distanciar ao máximo nascimento e morte. Saúde é isso mesmo - pegar nas duas pontas do elástico da vida e esticá-lo até ao momento em que finalmente se parte, em que a saúde se interrompe com o esgar de dor provocado pelo chicote de borracha nas pontas dos dedos, até ao ponto em que a saúde já não é possível.

15. Giorgio Agamben, ao trabalhar o seu conceito de Inoperatividade, perguntava, numa conferência ocorrida na Fundação de Serralves em 2007: "[o] que é, aliás, um poema, senão aquela operação linguística que consiste em tornar a língua inoperativa, em desactivar as suas funções comunicativas e informativas, para a abrir a um novo possível uso?" (Agamben, 2008: 48) Para Agamben, a inoperactividade desencadeia uma suspensão das finalidades, é uma total negação do inato, quer dizer, do fim previsto e do uso comum, uma falha na continuidade, um desvio nas acções, uma interrupção.

16. A metáfora como perversão da língua; perversão entendida como um outro uso, diferente do previsto e corrente; a perversão como uma súbita abertura - um desvio - para o possível. “Entre 1924 e 1926, o filósofo Sohn-Rethel residia em Nápoles. Observando o comportamento dos pescadores que se haviam com os seus pequenos barcos a motor e dos automobilistas que procuravam fazer com que os seus carros decrépitos arrancassem, formulou uma teoria da técnica que definiu ironicamente como «filosofia do avariado» (Philosophie des Kaputten). Segundo Sohn-Rethel, para um napolitano as coisas só começavam a funcionar quando são imprestáveis. (...) Este comportamento, comenta o filósofo, contém um paradigma tecnológico mais elevado do que o corrente: a verdadeira técnica começa quando o homem é capaz de se opor ao automatismo cego e hostil das máquinas e aprende a deslocá-las para territórios e usos imprevistos, como esse rapaz que numa rua de Capri transformara um pequeno motor de motorizada avariado num aparelho de bater natas. O pequeno motor continua a funcionar, mas em vista de novos desejos e de novas necessidades; a ociosidade não é deixada a si própria, mas torna-se a via ou o abre-te-sésamo de um novo uso possível.” (Agamben, 2010: 116)

17. Num outro ensaio, servindo-se agora da figura do sábado judaico, Agamben cita o Génesis: “[n]o sétimo dia, Deus concluiu o trabalho que fizera e no sétimo dia pôs fim a todo o seu trabalho. Deus abençoou o sétimo dia e consagrou-o, porque ele pusera fim a todo o trabalho.” (Agamben, 2010: 121) O sábado suspende a economia - a administração da casa e das coisas em função de um fim, de uma finalidade -, interrompe a lógica funcional do quotidiano. O sábado é dia de ociosidade e de festa, e diz Agamben, “não há festa que não comporte, nalguma medida, este elemento suspensivo, que não comece, portanto, antes do mais, por tornar ociosas as obras dos homens.” (Agamben, 2010: 128)

18. O desvio interrompe: o curso corrente, o curso habitual; e é esta interrupção que potencia o estado de coisas, que lhe incute potência, possibilidade, que permite um uso diferente, um significado diferente, um caminho e direcção diferentes. O potencial político do desvio é dado pela interrupção que provoca. Como escreve Jacques Rancière, “Só há política mediante a interrupção.”

"O que comummente se atribui à história política ou à ciência política na verdade depende, com frequência muito maior, de outras maquinarias, que por sua vez provêm do exercício da majestade, do vicariato da divindade, do comando dos exércitos ou da gestão dos interesses. Só existe política quando essas maquinarias são interrompidas." (Rancière, 1996: 30,31) E continua Rancière:

A minha hipótese supõe (...) uma reformulação do conceito de política em relação às noções habitualmente aceites. Estas designam com a palavra política o conjunto dos processos pelos quais se operam a agregação e o consentimento das colectividades, a organização dos poderes e a gestão das populações, a distribuição dos lugares e das funções e os sistemas de legitimação dessa distribuição. Proponho dar a esse conjunto de processos um outro nome. Proponho chamá-lo de polícia, ampliando portanto o sentido habitual dessa noção, dando-lhe também um sentido neutro, não pejorativo, ao considerar as funções de vigilância e de repressão habitualmente associadas a essa palavra como formas particulares de uma ordem muito mais geral que é a da distribuição sensível dos corpos em comunidade. (...) Ao ampliar assim o conceito de polícia, proponho restringir o de política. Proponho reservar a palavra política ao conjunto das actividades que vêm perturbar [poder-se-ia ler interromper] a ordem da polícia pela inscrição de uma pressuposição que lhe é inteiramente heterogénea. Essa pressuposição é a igualdade de qualquer ser falante com qualquer outro ser falante. (Rancière, 1996b: 372)

19. No entanto, a igualdade não deve ser entendida como um objectivo - "[O]s progressistas que proclamavam a igualdade como sendo resultado de um processo de redução de desigualdades, de educação das massas, etc., reproduziram a lógica do professor que assegura o seu poder ao mostrar-se dono da discrepância entre ignorância e conhecimento que pretende fazer desaparecer. A igualdade tem que ser vista como ponto de partida, e não como destino." (Rancière, 2000)

20. O funcionamento das coisas políticas pode ser formulado do seguinte modo: tudo o que é político interrompe (ou desvia); nem tudo o que interrompe é político.

Bibliografia

Agamben, Giorgio, "Arte, Inoperatividade, Política", in Política, Politics. Porto: Fundação de Serralves, 2008.

_____, Nudez. Lisboa: Relógio D'Água, 2010.

Aristóteles, Poética. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.

Benjamin, Walter, O Anjo da História. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010.

Bergson, Henri, The Creative Mind. New York: Dover Publications, 2007.

Certeau, Michel de , A Invenção do Cotidiano. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

Kubler, George, A Forma do Tempo. Lisboa: Veja, 1990.

Lispector, Clarice, Água Viva, Lisboa, Relógio D'Água, 2012.

Massumi, Brian, Event Horizon, in http://www.brianmassumi.com/textes/Event%20horizon.pdf (acedido em 22 de Abril de 2014).

Oliveira, Carlos de, Trabalho Poético. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1998.

Quignard, Pascal, Terraço em Roma. Lisboa: Editorial Notícias, 2002.

Rancière, Jacques, O Desentendimento - Política e Filosofia. São Paulo: Editora 34, 1996.

_____, «O Dissenso», in A Crise da Razão (Adauto Novaes, org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____, Jacques Rancière: Literature, Politics, Aesthetics, Jacques Rancière interviewed by Solange Guénoun. Wisconsin: SubStance, issue 92 (Volume29, Number 2), 2000.

Simmel, Georg, "Bridge and Door", in Rethinking Architecture. London: Routledge, 1997.

Strauss, Botho, Fragmentos da Incompreensão. Lisboa: Difel, s.d.

Vila-Matas, Enrique, O Mal de Montano. Lisboa: Editorial Teorema, 2002.